

# A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO EXPECTATIVA DE MELHORIA NO APRENDIZADO ESCOLAR



A concretização da aprendizagem tem sido a maior preocupação de professores e pedagogos. Em geral, a maioria dos professores têm inovado suas práticas, a fim de buscar soluções que melhorem a disciplina, ou seja, tentando despertar o interesse do aluno pelos estudos, mas a verdade é que grande parte não tem obtido êxito. Muitos professores estão frustrados e desanimados devido resultados insatisfatórios.

Existiu, a algum tempo, uma política que tratava do seguinte aspecto: se poucos alunos ficassem com notas baixas, a culpa era destes alunos, mas se a maioria da sala tivesse nota abaixo da média, a culpa seria do professor. Posso ressaltar que já vivenciei esta situação. O próprio ciclo adotado por alguns estados brasileiros, em não poder reter o aluno, repassava ao professor a obrigatoriedade dos resultados. Entretanto, por mais que se tentou resolver o problema da aprendizagem, em muitas escolas o que realmente ocorreu foi uma incoerência no procedimento avaliativo. Os conselhos de classe resumiam-se em uma decisão coletiva. Sendo assim, decidiam se passariam ou não o aluno nos períodos em que a retenção era permitida e independente da decisão o aluno seguiria sua vida escolar enfiado a seu destino. Muitos eram aprovados, simplesmente, para que a escola ficasse livre destes mais rapidamente. Por mais que pareça agressiva esta situação, ainda há escolas públicas com falta de visão, mas que gastam muita energia na procura de uma solução.

O contexto escolar se transformou num “jogo de empurra, empurra”, a família joga para a escola, a escola joga para a família, joga-se para o sistema, o

sistema joga para os professores, que, por sua vez, reclamam dos pedagogos, e estes dos professores. O recreio tem sido muitas vezes momento de lamúria transferindo a culpa de resultados entre ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio. Muitos são os pais que acompanham a vida escolar dos filhos, porém muitos repassam para a escola a responsabilidade de educá-los, no sentido de dar aquela educação de origem familiar, de boas maneiras, de ética e de bons costumes e ainda assim vemos constantemente pais tirando a autoridade de professores e professores receosos de serem punidos como se tivessem má interpretação de conduta.

Assim, de forma generalizada, segue o cotidiano escolar agregado a muitos esforços, muito desgaste de energia para pouco resultado ou avanço. Dentre inúmeras tentativas, a reformulação da BNCC e do currículo trouxeram as competências socioemocionais como a inovação na prática pedagógica com o intuito de aprimorar e desenvolver habilidades, além de melhorar atitudes e comportamentos no âmbito educacional.

Entretanto, a base sólida das competências socioemocionais, é literalmente a inteligência emocional. Precisamos alinhar a pirâmide das crenças de identidade, capacidade e merecimento – ser, fazer e ter, de nossos professores, elevando de forma considerável a crença de merecimento que não se refere necessariamente a salários, mas ao sentimento de se sentir importante, essencial, especial como ser que contribui para um mundo melhor.

Antes de qualquer coisa, se faz necessário elevar a autoestima dos profissionais da educação e ajudá-los a gerenciar melhor suas emoções, objetivos, vida pessoal, adquirirem maior resiliência para que, conseqüentemente, tenham maior empatia. Somente as pessoas que possuem um autoconhecimento significativo e que tem um bom diálogo interno, conseguem de fato contribuir com outras pessoas.

Dentro da matriz de formação de crenças, destaca-se a importância do gerenciamento da comunicação, dos pensamentos e dos sentimentos; assim necessitamos acabar urgentemente com a estória de que professor não é valorizado. Atualmente, esta tem sido a comunicação, muitos se sentem realmente desvalorizados, pensam assim e automaticamente destroem todo estímulo e entusiasmo tão necessário para que se tenha um bom resultado.

A visão da desvalorização do professor já se tornou questão cultural. Pode-se observar que professores de algumas redes privadas têm autoestima e senso de valorização mais elevada do que muitos professores de redes públicas, mesmo com salários maiores.

Na percepção dos brasileiros, o Brasil é o país que menos valoriza o professor. O que não se entendeu ainda é que são as pessoas que devem se valorizar e valorizar alguém. É a própria classe, o país e a população em geral que precisam adotar posturas, linguagens e pensamentos positivos para que este quadro seja revertido na íntegra. É fundamental, a necessidade do respeito próprio, do respeito entre colegas, a gratidão dos pais para com os professores, a compreensão de que esta prestação de serviço é muito mais ampla do que meramente uma obrigação contratual.

Por mais chocante que seja esta realidade, para que se mude algo, é necessário o reconhecimento do estado atual. O Brasil está no 119º lugar no ranking da educação mundial, mas este quadro precisa mudar, não só em dados estatísticos, mas na real aprendizagem dos alunos.

Para que isto aconteça um dos pontos primordiais é investir em Treinamentos de inteligência emocional para o corpo docente, isto fará com que professores e pedagogos adquiram força emocional e empoderamento da classe. Após esta etapa, já se pode pensar em trabalhar as competências socioemocionais dos alunos, tendo também por base a importância da aquisição de inteligência emocional. Toda pessoa precisa crescer para de fato contribuir. Esta é a lei natural, cada um dá o que tem e defende seu ponto de vista, portanto evoluir levará ao desenvolvimento educacional.

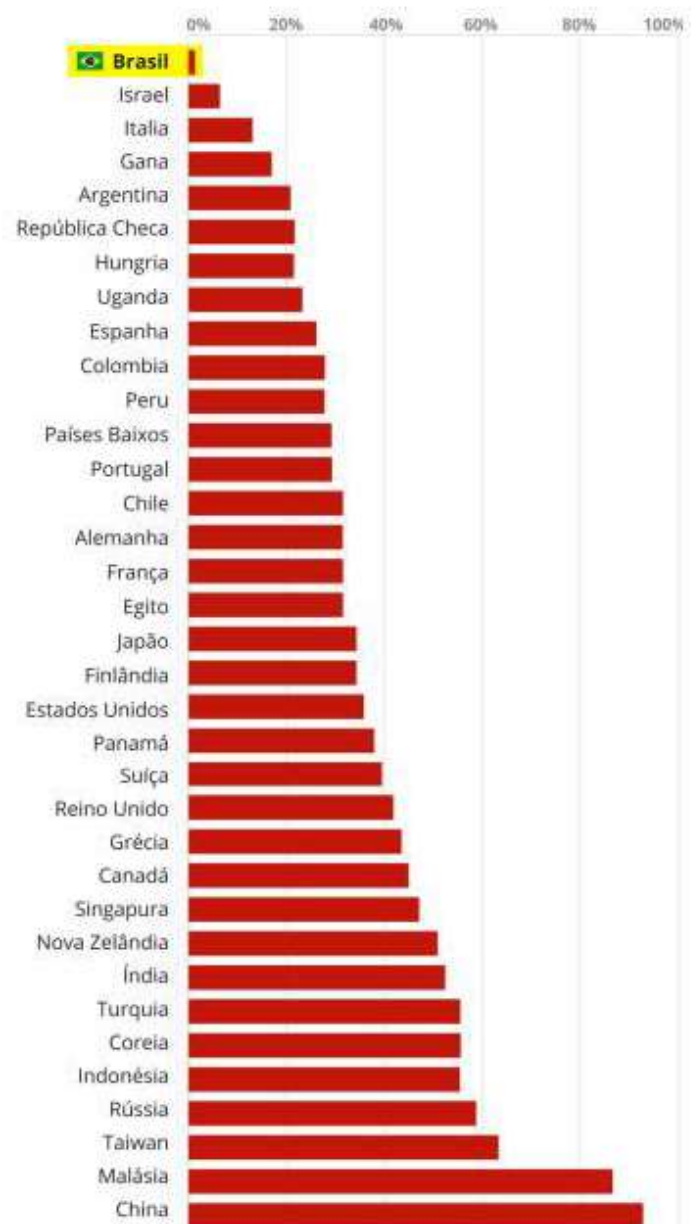
A partir da aquisição da inteligência emocional, novos aprendizados serão construídos. Assuntos

relacionados à neurociência, sinapses neurais, física quântica, perfis comportamentais e análise corporal, ocasionará mudanças de atitudes e novos hábitos. Desta forma, a escola ganha funções mais amplas, entre elas a de despertar nos alunos a consciência de que ações diferentes trazem resultados diferentes e encorajá-los a ponto de contagiar suas famílias através de novas atitudes.

Quando todos da escola entenderem o potencial de seu contágio social, irá acontecer uma explosão de mudanças, de resultados eficazes e de transformação.

### Brasil é o país que menos valoriza professores

Pesquisa em 35 países indica percepção de brasileiros



Fonte: Varkey Foundation



Infográfico elaborado em: 08/11/2018



Visando a desenvolver as habilidades emocionais dos alunos, tratar seus sentimentos e levá-los a resultados satisfatórios define uma proposta pedagógica que denominei como “metodologia dimensional e integrativa na educação”.

Nesta metodologia, o trabalho é desenvolvido por seis níveis de inteligência emocional.

O aluno é tratado de forma individual, como ser único, valorizando o olhar para ele como ser humano e não meramente como mais um aluno.

Seus anseios e dificuldades devem ser respeitados e seu progresso é medido a partir do diagnóstico de seu estado atual. Assim, o progresso não pode ser comparado e nem é definido por um padrão determinado previamente.

A metodologia se aplica em todas as disciplinas e a inteligência socioemocional é observada em todos

os momentos e situações. Na metodologia dimensional e integrativa, a avaliação é diagnóstica investigativa – através de um ciclo constante, o foco está na validação, nos avanços pessoais, na resiliência, na empatia, no contágio social positivo e na capacidade individual do crescer e contribuir com outras pessoas e com o meio.

A sistemática do planejamento pedagógico também foi reformulada dentro da metodologia dimensional e integrativa. Ele é executado por tópicos e planilhas, plano de ação, planos aditivos e um plano de aula mais simples, dinâmico e mais flexível.



## Lara Cristina Maia Rodrigues Ferreira

Treinadora emocional e educacional. Coach integral sistêmico. Pedagoga. Atuação como diretora e professora da rede pública por mais de 20 anos. Gestora de Polos EAD a 12 anos. Graduada em Letras e Pedagogia, especialista em psicopedagogia, orientação, supervisão, gestão e inspeção escolar. Revista Gestão & Educação - Dezembro de 2019